



4805 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
 GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Docência com bebês: o corpo da professora que acalma, acalenta e serena
 Márcia Buss-Simão - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Taxa Capes

Docência com bebês: o corpo da professora que acalma, acalenta e serena^[1]

Resumo: O texto aqui proposto, traz para socialização dados de uma pesquisa em nível de mestrado que objetivou compreender como a composição das relações educativas são demarcadas pelo corpo na docência com bebês. A pesquisa parte da compreensão de que as demandas corporais das professoras, nas relações educativas, nascem sobretudo das demandas corporais dos bebês. A geração dos dados foi realizada durante quatro meses em uma instituição pública de Educação Infantil, tendo como sujeitos duas professoras e 12 bebês. O foco de atenção, nas observações, foi registrar as dinâmicas corporais das ações das professoras, como também registrar as relações educativas entre as professoras e os bebês, optando pela utilização de instrumentos, tais como: observação participante, registros escritos, fotográficos e audiovisuais. Os dados de campo da pesquisa revelam dinâmicas corporais marcadas por uma *disponibilidade corporal e emocional*, ou seja, um corpo disponível, que se movimenta, muda de posições, se expressa, se doa, interage, acalenta, acalma e serena acolhendo as demandas dos bebês.

Palavras-chave: educação infantil; docência; bebês; corpo.

Contextualizando o campo de pesquisa

O texto aqui proposto, como Comunicação oral, nesse evento tão importante da pós-graduação em educação no Brasil, traz para socialização dados de uma pesquisa em nível de mestrado que objetivou compreender como a composição das relações educativas são demarcadas pelo corpo na docência com bebês. A pesquisa parte da compreensão de que as demandas corporais das professoras, nas relações educativas, nascem sobretudo das demandas corporais dos bebês. A geração dos dados foi realizada durante quatro meses em uma instituição pública de Educação Infantil do município de São José/SC, tendo como sujeitos duas professoras^[2] e 12 bebês. Os dados foram gerados por meio de observação participante, registro escrito, fotográficos e audiovisuais.

Para a delimitação do campo de pesquisa priorizamos alguns critérios: a) ser uma creche pública da rede municipal de São José/SC; b) ter atendimento da faixa etária que se pretende pesquisar, 0 a 1 ano de idade; c) localização geográfica acessível para a pesquisadora; d) disponibilidade da instituição quanto a realizar a pesquisa; e) autorização dos/as profissionais e famílias e; e) aceitação das crianças diante a presença da pesquisadora.

A instituição eleita atende crianças oriundas de famílias de classe média, em período integral das 7h às 19h e parcial das 7h às 13h, matutino e das 13h às 19h, vespertino, de segunda-feira a sexta-feira. No momento da pesquisa, atendia 219 crianças, divididas entre 10 grupos sendo que oito grupos eram atendidos em período integral e dois grupos em período parcial.

Iniciamos a observação das professoras e dos bebês do G I, no primeiro semestre de 2017, apenas no período vespertino, pois as professoras observadas só trabalhavam nesse período, no horário das 13h às 19h. O tempo de permanência variou de duas a três horas, em dois dias da semana, terças-feiras e quintas-feiras. Não definimos a priori um horário fixo de entrada e saída no grupo, pois desejávamos estar com as professoras e com os bebês em diversas situações, realizando um acompanhamento mais amplo do período em que estavam na instituição, desta forma, em alguns dias chegávamos às 13h30 e saíamos às 16h, como também, em outros chegávamos às 15h e saíamos às 18h.

É importante destacar que esta pesquisa teve como foco maior de observação as ações educativas das professoras, mas, considerando que as relações educativas não se dão sem a presença das crianças, no caso desta pesquisa, dos bebês, tornou-se necessário, para compreender a composição das dinâmicas corporais na docência com bebês direcionarmos o olhar tanto para os adultos como para os bebês.

Fazer pesquisa com crianças pequenas não é um processo simples, demanda mais sensibilidade e não somente mera observação, significa ir a campo e viver, ouvir com atenção, olhar com sutileza para as ações e relações e experienciar junto com os sujeitos investigados. Com os adultos esse processo não é diferente, sendo necessário todo um cuidado ao entrar em campo, em como acessar esse mundo das relações com bebês e se aproximar das necessidades dos sujeitos, além de obter o consentimento formal das professoras e seus aceites em participar da pesquisa. Para tanto, buscando um posicionamento ético, nos atentamos em localizar até mesmo pequenos sinais de desconforto perante nossa presença naquele espaço seguindo a indicação de que ao fazer pesquisa com seres humanos é necessário ter uma preocupação ética e, "para que se possa falar de uma referência ética, *duas condições são postas como que a priori: a primeira, a presença da alteridade, a presença do outro; a segunda, o reconhecimento da dignidade da pessoa humana*" (SEVERINO, 2014, p. 204, grifos no original). Desta forma, compreendemos que a ética envolve, de forma dialética, a presença de um eu frente a um outro, sendo fundamental uma preocupação com o outro e preservar o direito dos pesquisados.

Para acompanharmos as relações e interações estabelecidas entre professoras e bebês, a fim de analisar a composição das dinâmicas corporais na docência com bebês, optamos por uma metodologia condizente com o objetivo da pesquisa,

concordando com Graue e Walsh (2003, p. 33) ao afirmarem que “não existe um método único de investigação científica. O método científico engloba muitas abordagens diferentes, tão variadas quanto as próprias disciplinas científicas”. Por isso, compreendemos ser importante reunir mais de um instrumento metodológico para poder observar, de vários ângulos e, de maneiras diferentes, o que está sendo investigado. Assim sendo, nos preocupando em captar as vivências, os modos de se relacionar e de se expressar dos sujeitos investigados optamos por utilizar instrumentos, tais como: observação participante, registros escritos, fotográficos e audiovisuais.

O foco de atenção nas observações foi registrar as dinâmicas corporais das professoras, como também registrar as relações educativas entre as professoras e os bebês. Desta forma, ao entrar na sala, sempre nos posicionávamos em um local onde não atrapalhássemos as movimentações do grupo, mas que possibilitasse ter uma visão geral das ações e relações das professoras e dos bebês, para assim podermos anotar, fotografar ou filmar os acontecimentos.

O corpo da professora que acalma, acalenta e serena

Ao rever e refletir sobre os registros escritos, imagens e vídeos gerados durante o período em campo, um fato que chamou muito a atenção durante o processo de análise dos registros e também durante as observações feitas, foi a grande busca dos bebês pelo contato corporal, pela atenção e carinho das professoras, nos momentos de insegurança, de desconforto diante de algumas situações como: fome, sono e choro. Frequentemente, o contato corporal, o toque, os beijos, os abraços, os afagos e o colo das professoras os acalmava. Da mesma forma, evidenciamos a importância que as professoras conferem a esse *ato responsivo* [3], a essas relações afetivas, pois eram raros os momentos em que os bebês se acalmavam sozinhos, normalmente, se dirigiam até as professoras ou as professoras os chamavam para perto de si.

Esses encontros de acolhimento eram marcados por relações afetivas, havendo um entrelaçamento entre o corpo/cuidado/emoção nas relações com o outro. Cerisara (1997, p. 49) ao refletir, com base em Wallon, sobre o movimento/emoção/cognição afirma que:

A forma como Wallon articula movimento/emoção/cognição com sua base orgânica/corpórea instrumentaliza a educadora para descobrir diferentes formas de dar e receber "afeto", tais como, toque epidérmico, toque da voz, toque do olhar. O desenvolvimento destas diferentes formas de linguagens e de contato requer profissionais conscientes da importância das mesmas e com condições de exercê-las enquanto pessoas.

Desta forma, é preciso compreender que os bebês se comunicam com o corpo e as emoções, sendo que essas dimensões se entrelaçam, pois, são dimensões que perpassam por relações com o outro. Essa perspectiva de entrelaçamento é reforçada também por Marinalva Barbosa (2011, p. 14), ao considerar, com base nas concepções de Vigotski e Bakhtin, que os autores “oferecem uma base teórica profundamente importante para discutir uma questão que sempre esteve à margem das preocupações centrais nos estudos da linguagem e também nos estudos psicológicos: o entrelaçamento constitutivo que há entre sujeito, linguagem e emoções”.

As emoções, são a exteriorização da afetividade [...]. Nelas que assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados (WALLON, 1995, p. 143).

Nos registros escritos e fotográficos que serão apresentados, procuramos dar visibilidade para o modo como as reações corporais e emocionais dos bebês são significadas como meio de comunicação e de expressão e como vão mobilizando as ações dos adultos e também dos demais bebês que se encontram próximos. As manifestações emocionais, como partes indissociáveis da ação humana, têm importante impacto nas dinâmicas de interação, pois “Para Wallon o potencial mobilizador das emoções resulta de um traço que lhes é essencial, sua extrema contagiosidade de indivíduo a indivíduo” (GALVÃO, 2001, p. 23). Esse contágio emocional que mobiliza o outro pode ser observado no registro que segue:

Jéssica [4] faz a troca de Lucas. Ao tirá-lo do trocador, abraça-o e dança com ele. Lucas fica todo sorridente. Professora o beija e caminha em direção do colchão, em frente ao espelho, para colocá-lo para brincar enquanto termina de fazer as demais trocas. Jéssica coloca Lucas sentado no colchão. Lucas chora e direciona seu olhar a professora. Jéssica convida Vicente para trocar fralda. Vicente estica os braços. Jéssica pega-o no cole e se direciona para perto do trocador. Lucas a olha e engatinha até Jéssica, ainda chorando. Professora Rejane que está observando, fala: “-A Jé não quer mais brincar com ele. Oh Lucas! Dança comigo, dança Jé”. Lucas chega próximo de Jéssica sobe em suas pernas. Jéssica se agacha e acalenta Lucas com beijos, toques, palavras e abraços. “-Eu sinto muito. A Jé te abandonou!” Fala Jéssica abraçada com Lucas. Vicente fica no colo de Jéssica observando. Melissa também se aproxima, oferta um objeto a Vicente e Jéssica. Jéssica fala: “-Hummm... papa Melissa”. Melissa sorri. Jéssica senta Vicente no chão e pega Lucas no colo. Vicente chora e vai em busca da professora. “-Só um pouquinho Vicente. Pronto, a Jé pega você Lucas”. Jéssica pega Lucas no colo o beija e caminha em direção de sua mochila, pega sua chupeta e após acalmá-lo coloca-o sentado no bebê conforto e volta sua atenção a Vicente (**Registro notas de campo do dia 27.06.2017**).

Sequência de imagens 1 - Lucas em busca do contato corporal da professora



Fonte: Das autoras do dia 27.06.2017.

As ações reveladas nas imagens, desvendam o quanto a professora, por meio da relação corporal, acalenta e acalma os bebês. As ações corporais das professoras em acalantar e acalmar se revelam como um *ato responsivo*, como uma resposta aos anseios dos bebês que vai contribuindo para a sua constituição. Lucas se sente confortável e seguro nos braços da professora, mas ao se sentir longe desse corpo, chora e chama pelo contato corporal. Após a busca e a conquista desse contato corporal, sentindo-se novamente nos braços da professora, Lucas se acalma.

As cenas evidenciam o quanto as ações emocionais e corporais de Lucas afetaram Jéssica e vice-versa. Essa relação corporal, entre professora e bebê, que afeta e é afetada, pode ser simbolizada pela figura “*Banda de Möbius*”, em que não se sabe onde uma começa e outra termina, sendo difícil precisar seu início e fim. Essa simbiose também é mencionada por Wallon (1971, p. 91) ao afirmar que as emoções contagiam:

A emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, inversamente, possui sobre o outro um grande poder de contágio. Torna-se difícil permanecer indiferente às suas manifestações, e não se associa a esse contágio através de arrebatamentos do mesmo sentido, complementares ou antagônicos.

Os sentimentos e a expressão das emoções, como contribui Le Breton (2009, p. 136), se originam e ganham significados diferenciados em contextos sociais e culturais diversos, pois “se inscrevem num sistema simbólico, desmentindo a hipótese da naturalidade da linguagem, da instintividade corporal, da universalidade semântica dos gestos, das mímicas ou posturas”. Considerando esse contexto, essas manifestações emocionais causam um certo impacto nas ações do adulto que, mobilizado por esse contágio emocional, tenta interpretar e responder de acordo com essa interpretação. Segundo Galvão (2001, p. 15), “O adulto interpreta, conforme seus valores, costumes e expectativas, o significado das expressões emocionais do bebê, sendo levado a agir de acordo com seus parâmetros culturais e crenças individuais, envolto no clima de contágio próprio a essas manifestações”. Sendo assim, é por meio da emoção que o bebê mobiliza o outro para atender seus anseios e necessidades, ou seja, Lucas por meio de suas expressões emocionais, demonstra seus sentimentos e anseios por meio do choro, do olhar, mobilizando Jéssica para atender suas demandas.

O caráter altamente contagioso da emoção vem do fato de que ela é visível, abre-se para o exterior através de modificações na mímica e na expressão facial. As manifestações mais ruidosas do início da infância (choro, riso, bocejo, movimentos dos braços e das pernas) atenuam-se sem dúvida, porém a atividade tônica persiste, permitindo ao observador sensibilizado captá-la. A emoção esculpe o corpo, imprime-lhe forma e consistência (DANTAS, 1992, p. 89).

Desse modo, as manifestações emocionais afetam o outro. Tanto a professora como o bebê e, essa sintonia de afetos que contagia o outro é um componente da docência, pois a relação emocional, afetiva e corporal é fundamental para as interações tecidas entre os pares. Assim, esse reconhecimento das manifestações emocionais dos bebês mobiliza as professoras a se colocarem *disponíveis emocionalmente e corporalmente* para o contágio.

Falk (2011), evidencia a necessidade de os adultos observarem as crianças e se esforçarem para compreenderem todas as suas expressões emocionais e corporais, desde “a posição de seu corpo, seus gestos e sua voz, a dedicar sempre bastante tempo a atendê-las sem pressa e a satisfazer suas necessidades segundo as exigências individuais” (FALK, 2011, p. 25). O registro seguinte mostra Sophia, movida pela emoção, em busca do contato corporal e revela o contágio e o reconhecimento da professora em atender o desejo de Sophia:

Momento da janta. Rejane inicia a alimentação com Vicente. O acomoda no bebê conforto, e senta para alimentá-lo com Sophia no colo que estava chorando. Ao redor está Valentina olhando os desenhos que estão colados na porta do armário e Melissa sentada em frente da professora olhando para sua mão que estava riscada de caneta. Rejane alimenta Vicente conversando com ele sobre a comida que ele está comendo e ao mesmo tempo conversa com Sophia que está em seu colo. Termina a comida coloca Sophia que estava em seu colo, sentada no chão, e levanta para pegar mais comida, Sophia chora, se apoia nas

pernas da professora, a olha esperando uma resposta. Professora a toca com a mão e fala com ela. “-O que foi Sophi? Você já vai papa também”. Professora senta e fala olhando para Vicente “- Vamos papar mais Vicente, frutinha”. Valentina se aproxima, se apoia no ombro da professora e sobe em seu colo. Sophia continua a chorar, olha Valentina e também sobe no colo da professora. Professora para de alimentar Vicente, coloca o prato de comida que estava segurando no chão e pega Sophia, que estava chorando bastante, no colo. Valentina fica ali observando sobre as pernas da professora. Sophia se acalma e a professora a põe no bebê conforto em frente à TV que está passando um DVD. Professora volta a alimentar Vicente (**Registro notas de campo do dia 09.05.2017**).

Sequência de imagens 21 - Sophia, movida emocionalmente, em busca do contato corporal da professora



Fonte: Das autoras do dia 09.05.2017.

Com base nas cenas apresentadas, é possível observar o anseio de Sophia pela atenção da professora. Ela chora, olha, tenta subir nas pernas da professora e somente se acalma quando a professora a pega no colo, ou seja, ao sentir-se acolhedada e segura, ela se tranquiliza. Segundo Le Breton (2009), os movimentos corporais, a palavra, os gestos, o ritmo, nunca são neutros ou insignificativos, são carregados de afetos. Assim, é necessário perceber o que os bebês querem “falar”, pois são olhares, toques, choros, sorrisos e movimentos que expressam. Como contribui Le Breton (2009, p. 210): “A tonalidade afetiva da relação com o mundo é sempre simultaneamente a relação com os outros, a qual se simboliza através dos vínculos sociais, implicando as modulações introduzidas pelos demais e, portanto, uma atividade pensante”. É um corpo que se expressa e aguarda uma resposta e, do mesmo modo, esse bebê, está atento ao modo como o adulto lhe responde, lhe “fala” com seu corpo e seus gestos.

A professora, como as cenas revelam, mostra-se disponível, busca interpretar as reações de Sophia e responde ao seu pedido dando-lhe atenção e colo, profere palavras de carinho, gestos esses que tranquilizaram Sophia e relaxam seu corpo. Esse acolhimento do corpo e da emoção também pode ser observado no próximo registro:

Vicente está de pé apoiado no corpo da professora. Professora o olha e joga-lhe um beijo. Vicente fica olhando e sorri. Professora pega um monte de papel e coloca sobre Vicente. Vicente chora. “-Oh! Não está muito bem né Vicente!” (Vicente estava com febre). Vicente começa a chorar. Professora pega-o no colo, acaricia seus cabelos, beija-o. E continua a brincar com os outros bebês que estão ali próximos. Vicente se acalma (**Registro notas de campo do dia 06.06.2017**).

Sequência de imagens 3 - Vicente em busca do contato corporal da professora





Fonte: Das autoras do dia 06.06.2017.

Para Wallon (1975, p. 75), “a criança, para se fazer entender, apenas possui gestos, ou seja, movimentos relacionados com as suas necessidades, ou o seu humor, assim como com as situações que sejam suscetíveis de as exprimir”. Essa afirmação vai ao encontro das cenas observadas, pois como os bebês ainda não se apropriaram da linguagem oral, utilizam suas expressões emocionais e corporais para se expressar e precisam de um adulto disponível para acolher essas expressões. Schmitt (2014, p. 12) considera que “a dimensão corporal é central na composição das relações sociais com bebês e crianças pequenas, tanto no que se refere a visibilidade das ações sociais destes, como também, das professoras com quem eles se relacionam”. A centralidade do corpo para a autora é observada tanto nas ações das professoras que se comunicam com as crianças com olhares, toques, gestos contornados por enunciados dirigidos socialmente, assim como nas crianças que, entre si, vão constituindo suas relações intensamente pelo corpo: pela convocação do olhar, do sorriso que responde ou chama, dos gestos que vão expressando e comunicando acordos, desacordos, apoio, oposição (SCHMITT, 2014).

Nos registros de campo foram recorrentes as cenas em que as professoras acolhiam e se contagiavam com as expressões emocionais e corporais dos bebês, o que por sua vez, os tranquilizava, acalentava e serenava, como na cena que apresentamos a seguir:

Professora senta para alimentar Vicente. Bento caminha em direção da professora fica observando o que acontece, vai até Jéssica que está sentada alimentando Melissa e volta até a professora Rejane, faz isso várias vezes. “- *Humm... tá delicioso né Vicente! Mingau*”. Fala Rejane enquanto alimenta Vicente. Sophia que está sentada no bebê conforto próximo começa a chorar, professora a pega no colo, tentando acalmá-la. Bento se aproxima, tenta sentar no colo da professora, faz carinho em Sophia, mexe no cabelo da professora. “- *Fazendo carinho na amiguinha Bento*”. Fala professora ao observar a cena. Vicente observa o que acontece. Lucas que está sentado próximo também fica observando, direciona seu olhar a televisão, ao carrinho que está brincando e em seguida engatinha até a professora e fica apoiado em seu braço. “-*A Sophia tá carente Lucas*”. Fala professora ao ver Lucas observando. Sophia aos poucos se acalma e aparenta estar confortável no colo da professora (**Registro notas de campo do dia 21.07.2017**).

Seqüência de imagens 4 - Sophia buscando o contato corporal, o aconchego nos braços da professora



Fonte: Das autoras do dia 21.07.2017.

A partir do registro escrito e fotográfico é possível perceber que, por mais que estejam próximos da professora, o que deixa os bebês seguros e confortáveis é estar em seus braços, sentir o calor corporal, sentir-se abraçado, envolvido e sentir que ali vai estar protegido.

A proximidade corporal entre as professoras e os bebês e essa busca constante é uma característica desta docência, pois para atender as necessidades emocionais, físicas e sociais dos bebês, as professoras precisam estar próximas corporalmente, é preciso tocá-los, afagá-los e fazer com que se sintam seguros. Esse toque, esse afago, precisa ser “com mãos carinhosas, com mãos que esperam uma resposta e que estão sempre dispostas a receber essa resposta” (TARDOS, 1992, p. 9), mãos que afetam e são afetadas.

Tardos (1992) em seu texto, *A mão da educadora*, revela o quanto nas relações educativas, a professora precisa atentar para o modo como suas mãos se dirigem às crianças, pois, são meios de relações. Os dados de campo da pesquisa, revelam que além das *mãos das professoras*, que tocam, que afagam e se dirigem às crianças, as *pernas das professoras* são também meios de relações, constituindo-se como um meio de apoio acessível, referência e segurança aos bebês. As pernas afetam e são afetadas, são inúmeros os registros que revelam esse contato, essa busca, tanto das pernas das professoras na horizontalidade como também na verticalidade, sendo elas um ponto de referência, de apoio e segurança para os bebês como reunimos na seqüência de imagens 5:

Seqüência de imagens 5 - As pernas das professoras como meio de relações



Fonte: Das autoras reunidas em diferentes datas.

As cenas revelam a centralidade das relações e do contato corporal na docência com bebês, sendo essencial uma postura disponível para atender ao chamado dos bebês, que se aconchegam e buscam conforto e acolhimento.

O conjunto de imagens e cenas apresentadas envolvem diferentes ações educativas que envolvem alimentação, troca de fraldas, interações e brincadeiras, que revelam uma conduta pedagógica ancorada numa *disponibilidade corporal e emocional*, ou seja, um corpo disponível, que se movimenta, muda de posições, se expressa, se doa, interage, acalenta, acalma e acolhe as demandas dos bebês. Temos compreendido, a *disponibilidade corporal* das professoras, com base em Tristão (2004), enquanto uma conduta pedagógica que instiga e amplia as experiências infantis. Compreendemos essa *disponibilidade corporal* uma singularidade da docência na Educação Infantil e, ainda mais particularmente na docência com os bebês pois, por meio dessas relações corporais, tecidas entre professoras e bebês, os bebês vão se constituindo, pessoal, social e culturalmente.

Essa *disponibilidade corporal* das professoras, enquanto uma conduta pedagógica, que instiga e amplia as experiências infantis são fundamentais para a constituição da docência na Educação Infantil, uma vez que são ações e relações que contribuem para a constituição destes bebês, pois como indica Barbosa (2011, p. 16) “A visão que temos do nosso corpo, as formas como sentimos esse corpo vem da relação com o outro. Este é quem enforma meu corpo em categorias cognitivas, éticas e estéticas. As reações emotivo-volitivas podem ser vivenciadas nessa relação”, ou seja, os gestos, os olhares, o choro nasce em conjunto com o outro, esse outro vai observando, interpretando e dando sentidos a essas manifestações corporais, que ganham também sentidos sociais e culturais.

Cabe destacar que essa *disponibilidade corporal* como conduta pedagógica, que instiga e amplia as experiências infantis são fundamentais para a constituição da docência na Educação Infantil e torna-se uma marca e uma potência para a docência com os bebês, todavia o que precisa ser destacado é que essa *disponibilidade corporal* requer materialidades próprias, pois sentar no chão, como é possível observar na grande maioria das cenas registradas, causa desconforto físico, cansaço e dores. Essa *disponibilidade corporal* poderia se dar de modo mais confortável, tanto para as professoras como para os bebês, se houvesse materialidades adequadas, como cadeiras, poltronas, entre outros materiais que tornassem essas ações e, essa disponibilidade, mais potentes.

Cabe destacar ainda, que essas materialidades precisam ter em atenção que a docência com bebês, exige estar na posição terrena, na horizontalidade, junto ao chão para atender as demandas dos bebês. Na docência com bebês é necessária essa horizontalidade, estar na altura dos bebês. Compreendemos que as professoras, de fato, sofrem por estarem nessa posição horizontal, que não atende as particularidades dos adultos, todavia, não vemos o trabalho com bebês na verticalidade, ou seja, sendo realizado de pé. Então, que formas ou materialidades dariam conta de atender as necessidades de ambos os sujeitos da relação educativa?

Para finalizar nossas reflexões quanto as singularidades da docência com bebês que revelam dinâmicas corporais marcadas por uma *disponibilidade corporal e emocional* trazemos um último registro que revela a recorrência da necessidade de acolhimento às manifestações emocionais dos bebês:

Jéssica alimenta Lucas, com José Aquilles deitado sobre suas pernas. Isabelle se aproxima chorando. “-Ficasse com tristeza depois da festa junina”. Fala Jéssica enquanto abraça Isabelle. A professora a beija, faz carinho em seu corpo, acalmando-a. “-É a Jê sabe”. Jéssica coloca Isabelle em seu colo. “-Você quer papar também. Você está com fome?” Fala a professora. Jéssica continua a alimentar Lucas e aos poucos Isabelle se acalma (**Registro em vídeo notas de campo do dia 11.07.2017**).

Seqüência de imagens 6 - Isabelle em busca do contato corporal, atenção e afago da professora





Fonte: Das autoras do dia 11.07.2017.

O registro escrito e fotográfico demonstra a procura de Isabelle pelo contato corporal, atenção e carinho da professora, gestos que acalmam e acalentam os bebês em momentos de insegurança e desconforto. Entrelaçado com a emoção, o choro é utilizado pelos bebês como uma estratégia de comunicação, por meio dessa reação os bebês anunciam aos adultos seus sentimentos e necessidades. Como anunciado por Demétrio (2016, p. 42): “Para estabelecer uma relação com seus pares e com os adultos e, principalmente, para fazer com que suas necessidades e desejos sejam atendidos os bebês utilizam-se da emoção e do corpo e captam a atenção e redirecionam a ação do adulto para suas demandas”. Essa *disponibilidade corporal e emocional* da professora é de extrema significação, pois é por intermédio do Outro que o bebê percebe e, mais tarde significa, os seus próprios desconfortos de sono, de fome, calor e também os movimentos intestinais internos. Como indica Buss-Simão (2016, p. 5): “O processo de perceber, conhecer e significar as sensações, funções e movimentos internos do corpo demanda atenção ao seu corpo, essa atenção pode se dar por intermédio do outro que ‘sente junto’ ao perceber, nomear e significar”. Nesse processo, de acolhimento e significação, em que o adulto significa e nomeia essas sensações corporais e emocionais, ganha contornos um processo de educação como emancipação.

E preciso que as professoras estejam atentas e disponíveis para acolher o que os bebês expressam, sentem e demonstram nos momentos em que estão em interação, pois Le Breton (2009, p. 163) nos alerta: “As pessoas com quem nos relacionamos são os moduladores, exercendo um papel de apaziguamento ou exacerbação de acordo com as circunstâncias e sua influência”. Desta forma, as professoras, tanto Jéssica como Rejane, se mostram recíprocas, disponíveis aos bebês. Tentam, sempre que possível, observar, compreender e significar o que os pequenos manifestam emocional e corporalmente. Segundo Le Breton (2009, p. 126):

[...] as manifestações corporais e afetivas de um ator carregam, aos olhos de seus parceiros, um significado virtual: elas estão em ressonância mútua, fazendo recíprocas remissões por meio de um infinito jogo de espelhos. A experiência individual contém o germe da experiência dos membros da sociedade.

As professoras mantêm uma proximidade corporal intensa com os pequenos e demonstram em suas ações um grande envolvimento afetivo. Essa perspectiva vai ao encontro do que enfatiza Tardif (2001, p. 29), ao afirmar que “[...] boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional. Baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar nos alunos, mas igualmente de perceber e de sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios afetivos”. Compreendemos que assim como a *disponibilidade corporal*, também a *disponibilidade emocional* é importante e constituidora da docência com bebês. Essa *disponibilidade* que presenciamos na pesquisa de campo e apresentada nos registros em que as professoras acolhem, significam, atendem e respondem as demandas dos bebês exige uma intencionalidade educativa, que é também emocional. Há uma dimensão de entrega, uma dimensão emocional que a docência com bebês exige. A ênfase na relação corporal, no acolhimento do corpo e das emoções são demarcados em todos os registros apresentados, por isso, compreendemos que revelam indícios importantes para a constituição da docência com bebês.

Considerações finais

Os dados de campo da pesquisa revelam dinâmicas corporais marcadas por uma *disponibilidade corporal e emocional*, ou seja, um corpo disponível, que se movimenta, muda de posições, se expressa, se doa, interage, acalenta, acalma e serena acolhendo as demandas dos bebês. As demandas e reações emocionais e corporais dos bebês se mostraram como um importante meio de comunicação e expressão que afetam, contagiam e mobilizam os adultos que, por sua vez, demandam dinâmicas demarcadas por um cuidado-corpóreo-emocional, que dá contorno para a ação docente das professoras.

Importante demarcarmos que as professoras se mostraram disponíveis corporalmente buscando sempre interpretar, significar e acolher as demandas e expressões dos bebês, demonstrando um grande envolvimento afetivo e uma proximidade corporal intensa. Mesmo estando muitas vezes envolvidas em outras ações, não conseguindo uma disponibilidade total aos bebês, as professoras disponibilizavam toques, afagos, abraços, palavras, um envolvimento corporal que acalmava os bebês e os tranquilizava.

Cabe o alerta de que a área da Educação Infantil busque possibilidades, por meio de estudos e pesquisas, de readequações de materialidades que atendam e potencializem essa *disponibilidade corporal* na docência com bebês que exige estar na posição terrena, na horizontalidade, junto ao chão para atender as demandas dos bebês. Sendo a *disponibilidade corporal* uma marca da/docência com bebês é preciso que existam materialidades adequadas para uma relação educativa que privilegie tanto os bebês como também os adultos nas instituições de Educação Infantil.

Referências

CESISARA, Ana Beatriz. A psicogenética de Wallon e a educação infantil. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 35-50, jul./dez. 1997.

BARBOSA, Marinalva V. Sujeito, Linguagem e Emoção a partir do diálogo entre e com Bakhtin e Vigotski. In: SMOLKA, Ana

Luiza. B; NOGUEIRA, Ana. Lucia. H (Orgs) **Emoção, Memória, Imaginação**: a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Experiências sensoriais, expressivas, corporais e de movimento na BNCEI**. Produto resultante da consultoria prestada ao MEC-Coedi/UNESCO em apoio à consolidação do documento de referência da Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil. Mimeo. 2016.

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DEMETRIO, Rubia Vanessa V. **A Dimensão Corporal da Relação Educativa com Bebês**: na perspectiva das professoras. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

DUARTE, Fabiana. **Professoras de bebês**: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

FALK, Judit (Org). **Educar os Três Primeiros Anos**: a experiência de Lóczy. 2ª edição. Araraquara, SP: Junqueira & Marin. 2011.

GALVÃO, Isabel. **Expressividade e emoção**: ampliando o olhar sobre as interações sociais. Rev. paul. Educ. Fís. São Paulo. supl.4. p. 15-31, 2001.

GONÇALVES, Fernanda. **A educação de bebês e crianças pequenas no contexto da creche**: uma análise da produção científica recente. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, nº 116, 41-59, jul. 2002.

LE BRETON David. **Paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Tradução de Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **“Mas eu Não Falo a Língua Deles”**: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As Relações Sociais entre Professoras, Bebês e Crianças Pequenas**: contornos da ação docente. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Dimensão ética da investigação científica. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, Ahead of Print, v. 9, n. 1, jan./jun. 2014.

TARDOS, Anna. A mão da educadora. **Revista Infância**, nº 11, p. 1-9, 1992.

TARDIF, Maurice. O trabalho docente, a pedagogia e o ensino: interações humanas, tecnologias e dilemas. **Cadernos de Educação**. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, nº 16. p. 15 - 47, jan./jun. Pelotas, 2001

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente primeiras aproximações teóricas. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, nº p. 426-443, maio/ago. 2007.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês**: um estudo de caso em uma creche conveniada. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**: os prelúdios do sentimento de personalidade. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

[1] Deixo aqui o registro de que o presente texto, apesar de ser assinado somente por mim, é resultado da pesquisa de mestrado de minha orientanda, que por motivos pessoais, não pode se inscrever e participar da 39ª Reunião Nacional da Anped.

[2] Considerando a concepção de *docência compartilhada* (Duarte 2011 e Gonçalves 2014) em que se concebe a docência na educação infantil sendo permeada pela relação de parceria, ou seja, não se trata de delegar responsabilidades, mas sim de uma relação de parceria que implica uma troca dialógica compartilhada. Mesmo que na Rede Municipal de ensino de São José compartilhem a docência uma professora e uma auxiliar de sala, consideramos que tanto a professora como a auxiliar de sala exercem *docência* de forma *compartilhada*, por essa razão, optamos pela denominação de professoras para ambas.

[3] Utilizamos esse conceito a partir de Schmitt (2008, 2014) que adota tal conceito com base em Bakhtin (1993). Para Schmitt (2014, p. 219) a forma como o adulto atende os bebês, não está apenas relacionada ao ato que ele realiza em direção a estes, mas também ao posicionamento, ao papel que possui frente a eles. Esta posição é vislumbrada pelo conceito de *responsividade* de Bakhtin (1993), que alude à não indiferença do ser frente ao outro, ao lhe dar respostas a partir do lugar que ocupa. Segundo o autor, compreender o outro é compreender seu dever em relação a ele, “atitude ou posição que devo tomar em relação a ele, isto é compreendê-lo em relação a mim mesmo [...] o que pressupõe a ação responsável, e não abstração de mim mesmo” (BAKHTIN, 1993, p. 35).

[4] Considerando questões éticas e aspectos de autoria e autorização (KRAMER, 2002), utilizamos apenas os primeiros nomes dos bebês e das professoras ou os apelidos usados entre elas e omitimos o nome da instituição onde foi feita a pesquisa. O uso das imagens dos bebês foi autorizado pelos pais. Já o uso das imagens das professoras foi autorizado por elas mesmas.